



# SANGUE FURTIVO

CHARLAINE HARRIS

*Tradução de Renato Carreira*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

*Sangue Fresco*  
*Dívida de Sangue*  
*Clube de Sangue*  
*Sangue Oculto*  
*Sangue Furtivo*

*Este livro é dedicado a uma mulher maravilhosa que não vejo vezes suficientes. Janet Hutchings (então uma editora da Walker e, actualmente, editora da Ellery Queen Mystery Magazine) foi suficientemente corajosa para me aceitar há muitos anos, depois de eu me ter afastado da escrita por um longo período. Que Deus a abençoe.*



## Agradecimentos

Não agradei no último livro a Patrick Schulz por me emprestar a sua *Benelli...* desculpa, filho. A minha amiga Toni L.P. Kelner, que chamou a atenção para alguns problemas na primeira metade do livro, merece que se lhe tire o chapéu. A minha amiga Paula Woldan facultou-me apoio moral e alguma informação sobre piratas e mostrou-se disposta a suportar-me no Dia de Falar Como Um Pirata. A sua filha, Jennifer, salvou-me a vida ao ajudar-me a preparar o manuscrito. Shay, uma leitora fiel, teve a excelente ideia do calendário. E, num agradecimento à família Woldan, tenho de incluir Jay, um bombeiro voluntário durante muitos anos, que partilhou comigo o seu conhecimento e experiência.





# 1

Soube que o meu irmão se transformaria numa pantera antes dele. No caminho para a encruzilhada remota onde se situava a povoação de Hotshot, observou o pôr-do-sol em silêncio. Jason vestia roupa velha e trazia um saco do *Wal-Mart*, contendo algumas coisas de que poderia precisar (escova de dentes, roupa interior limpa). Encolhia-se no interior do seu volumoso casaco de camuflado, olhando em frente. A necessidade de controlar o medo e a excitação deixava-lhe a face tensa.

— Tens o telemóvel no bolso? — perguntei, percebendo logo que as palavras me deixaram os lábios que já tinha feito aquela pergunta. Mas Jason acenou afirmativamente com a cabeça em vez de manifestar desagrado. Estávamos a meio da tarde, mas, no início de Janeiro, a noite chega cedo.

Naquela noite, teríamos a primeira lua cheia do novo ano.

Quando parei o carro, Jason voltou-se para me olhar e, mesmo com a luz ténue, percebi a mudança nos seus olhos. Tinham deixado de ser azuis como os meus. Estavam amarelados. A sua forma tinha mudado.

— Sinto a cara estranha — disse-me. Mas continuava sem somar dois mais dois.

A minúscula Hotshot estava silenciosa e tranquila na luz decrescente. Um vento frio soprava sobre os campos nus e os pinheiros e carvalhos tremiam com as rajadas de ar gélido. Via-se apenas um ho-

mem. Estava de pé à porta de uma das pequenas casas, a que tinha sido pintada recentemente. Mantinha os olhos fechados e a sua face barbuda erguia-se para o céu cada vez mais escuro. Calvin Norris esperou que Jason saísse pela porta do meu velho *Nova* antes de se aproximar, debruçando-se para a minha janela. Abri-a.

Os seus olhos de um verde dourado eram tão perturbadores como eu recordava e o resto do seu corpo era perfeitamente discreto. Baixo, grisalho, encorpado, assemelhava-se a centenas de outros homens que vira no *Merlotte's Bar*. Apenas os olhos o tornavam diferente.

— Cuidarei dele — disse. Atrás, Jason mantinha-se de costas voltadas para mim. O ar em redor do meu irmão adquiria uma qualidade peculiar. Parecia vibrar.

Nada daquilo era culpa de Calvin Norris. Não fora ele a morder o meu irmão, transformando-o para sempre. Calvin, um metamorfo que se transformava em pantera, nascera assim. Era a sua natureza. Forcei-me a dizer:

— Obrigada.

— Levo-o a casa de manhã.

— Para a minha casa, por favor. É lá que tem a carrinha.

— Muito bem. Boa noite. — Voltou a erguer a face para o vento e senti que toda a povoação esperava a minha partida, por trás das suas janelas e portas.

Foi o que fiz.

Jason bateu-me à porta às sete horas da manhã seguinte. Trazia o seu pequeno saco do *Wal-Mart*, mas não usara nada do que continha. Tinha nódoas negras na cara e as mãos cobertas de arranhões. Não disse uma palavra. Limitou-se a fitar-me quando lhe perguntei como estava e passou por mim, entrando na sala de estar e seguindo pelo corredor. Fechou a porta da casa de banho com um clique determinante. Um segundo depois, ouvi a água correr e não contive um suspiro fatigado. Apesar de ter trabalhado, chegando a casa cansada por volta das duas da manhã, não dormira grande coisa.

Quando Jason saiu, preparara-lhe *bacon* com ovos. Sentou-se à velha mesa da cozinha com uma expressão de agrado: um homem fazendo uma coisa familiar e agradável. Mas, após fitar o prato durante um segundo, levantou-se com um salto e correu de volta à casa de banho, fechando a porta com um pontapé depois de entrar. Ouvi-o vomitar uma e outra vez.

Esperei do outro lado da porta, impotente, sabendo que não queria que entrasse. Após um momento, regresssei à cozinha para despejar a comida no lixo, envergonhada pelo desperdício, mas absolutamente incapaz de me forçar a comer.

Quando Jason regressou, disse apenas:

— Café?

Estava verde e parecia dorido.

— Estás bem? — perguntei, não sabendo se conseguiria responder ou não. Enchi-lhe a caneca com café.

— Sim — respondeu, após um momento, como se tivesse sido necessário pensar no assunto. — Foi a experiência mais incrível da minha vida.

Por um segundo, achei que se referisse ao facto de vomitar na minha casa de banho, mas essa experiência não teria nada de novo para Jason. Bebera muito na adolescência até perceber que não havia nada de encantador ou atraente em ficar debruçado sobre uma sanita, expelindo o conteúdo do estômago.

— A transformação — arrisquei.

Acenou afirmativamente, aninhando a chávena de café nas mãos. Manteve a face sobre o vapor que se erguia do líquido quente, intenso e negro. Olhou-me. Os seus olhos tinham retomado o seu azul costumeiro.

— A explosão de adrenalina é incrível — disse. — Porque fui mordido e não nasci assim, não consigo tornar-me uma pantera genuína como os outros.

Conseguia ouvir-lhe a inveja na voz.

— Mas até aquilo em que me transformo é espantoso. Sentes a magia dentro de ti e sentes que os ossos se movem e se adaptam. E a tua visão muda. A seguir, ficas mais perto do chão e caminhas de uma forma completamente diferente. E há a corrida. Consegues correr como o raio. Consegues perseguir... — Calou-se.

De qualquer forma, preferia não saber aquela parte.

— Então não é assim tão mau? — perguntei, mantendo as mãos unidas. Jason era a família que me restava, com excepção de uma prima que se perdera anos antes no submundo da droga.

— Não é assim tão mau — concordou Jason, forçando um sorriso. — É óptimo enquanto és o animal. Tudo se torna tão simples. É quando voltas a ser humano que comesças a preocupar-te com as coisas.

Não se sentia suicida. Não se sentia revoltado. Não percebi que

sustinha o fôlego até o libertar. Jason conseguiria viver com o que o destino lhe atribuía. Ficaria bem.

O alívio foi incrível. Como se tivesse removido algo entalado de forma dolorosa entre os dentes ou como se tivesse sacudido uma pedra aguçada para fora do sapato. Durante dias, semanas, sentira-me preocupada e, agora, essa ansiedade tinha partido. Não significava que a vida de Jason como metamorfo seria desprovida de preocupações, pelo menos da minha parte. Se casasse com uma humana comum, os seus filhos seriam normais. Mas, se casasse com alguém da comunidade metamorfa de Hotshot, teria sobrinhas e sobrinhos que se transformariam em animais uma vez por mês. Pelo menos, fá-lo-iam depois da puberdade. Isso permitir-lhes-ia, e também à sua tia Sookie, algum tempo de preparação.

Felizmente para Jason, restavam-lhe bastantes dias de férias e não teria de regressar ao trabalho no departamento de estradas do condado. Mas eu teria de trabalhar naquela noite. Assim que Jason partiu na sua carrinha vistosa, voltei a enfiar-me na cama, sem sequer despir as calças de ganga, e levei cinco minutos a adormecer profundamente. O alívio funcionava como uma espécie de sedativo.

Quando acordei, eram quase três horas e precisava de me preparar para o meu turno no *Merlotte's*. Lá fora, o sol brilhava com intensidade e a temperatura era de onze graus, de acordo com o meu termómetro capaz de medir a temperatura dentro e fora de casa. Não era invulgar para o Norte do Louisiana em Janeiro. A temperatura cairia quando o sol se pusesse e Jason transformar-se-ia. Mas teria pêlo. Não uma pelagem completa, porque se transformava numa criatura que era metade homem e metade felino. E estaria acompanhado por outras panteras. Iriam caçar. A floresta em redor de Hotshot, que se situava num canto remoto do Condado de Renard, voltaria a ser um local perigoso naquela noite.

Enquanto comia, aproveitei para tomar banho e dobrar a roupa lavada e pensei numa dúzia de coisas que gostaria de saber. Pensei se os metamorfos matariam um humano que encontrassem na floresta. Pensei na consciência humana que manteriam na sua forma animal. Se acasalassem transformados em panteras, teriam um gatinho ou um bebé? O que acontecia a uma metamorfa grávida na lua cheia? Pensei se Jason saberia as respostas a todas aquelas perguntas e se Calvin lhe teria dado algum tipo de instrução.

Mas congratulei-me por não ter questionado Jason naquela ma-

nhã, quando tudo lhe era ainda novo. Teria muitas oportunidades para lhe fazer perguntas mais tarde.

Pela primeira vez desde o dia de Ano Novo, pensava no futuro. O símbolo da lua cheia no meu calendário deixara de parecer um ponto final assinalando o fim de alguma coisa, para se tornar numa forma alternativa de contar o tempo. Vestindo a minha farda de empregada do bar (calças pretas, camisola branca de gola caída e *Reeboks* pretos), senti-me quase entontecida pela alegria. Para variar, deixei o cabelo solto em vez de o prender num rabo-de-cavalo. Coloquei uns brincos pequenos de vermelho intenso e escolhi um batom a condizer. Um pouco de maquilhagem nos olhos e rouge e estava pronta.

Estacionara nas traseiras da casa na noite anterior e certifiquei-me cuidadosamente de que não havia vampiros escondidos no alpendre traseiro antes de fechar e trancar a porta dos fundos. Fora surpreendida antes e a sensação não me agradara. Apesar de a escuridão não ser ainda completa, poderia haver alguns madrugadores por perto. Era provável que a última coisa que os japoneses tivessem esperado quando desenvolveram sangue sintético fosse que a sua criação trouxesse os vampiros do mundo das lendas para a luz dos factos. Tinham tentado apenas ganhar algum dinheiro com a venda do substituto do sangue a empresas de transporte de doentes e a urgências hospitalares. Em vez disso, tinham mudado para sempre a forma como víamos o mundo.

Por falar em vampiros (ainda que falasse apenas comigo mesma), pensei se Bill Compton estaria em casa. O vampiro Bill fora o meu primeiro amor e vivia do lado oposto do cemitério. As nossas casas situavam-se junto a uma estrada nos arredores de Bon Temps, a sul do bar onde trabalhava. Ultimamente, Bill viajava muito. Sabia que estava em casa apenas quando vinha ao *Merlotte's*, o que fazia ocasionalmente para conviver com os nativos e para beber O positivo quente. Preferia *TrueBlood*, a marca mais cara de sangue sintético japonês. Dissera-me que anulava quase por completo a sua sede de sangue fresco bebido da fonte. Desde que assistira a um episódio da ânsia sanguinária de Bill, podia dar graças a Deus pela existência do *TrueBlood*. Às vezes, sentia muito a falta de Bill.

Apliquei-me um safanão mental. Ultrapassar um momento negativo. Seria essa a missão do dia. Nada de preocupações! Nada de medo! Vinte seis anos de idade e livre! A trabalhar! Com a casa paga! Dinheiro no banco! Tudo aquilo era positivo.

O parque de estacionamento estava cheio quando cheguei ao bar.

Percebi que teria uma noite ocupada. Contornei o edifício até à entrada de serviço. Sam Merlotte, o proprietário e meu patrão, vivia ali, numa bela e espaçosa caravana, que tinha até um pequeno pátio rodeado por uma sebe, que, para Sam, fazia as vezes da tradicional cerca de tábuas brancas. Tranquei o carro e dirigi-me à porta dos fundos usada pelos funcionários e permitindo a entrada no corredor com acesso às casas de banho dos homens e das senhoras, a um grande armazém e ao gabinete de Sam. Guardei a bolsa e o casaco numa gaveta vazia da secretária, puxei para cima as meias vermelhas, abanei a cabeça para ajeitar o cabelo e atravessei a porta (que estava quase sempre aberta) que conduzia à divisão ampla do bar/restaurante. Não que a cozinha produzisse algo além das coisas mais básicas: hambúrgueres, frango, batatas fritas e anéis de cebola, saladas no Verão e chili no Inverno.

Sam era o empregado de bar, o segurança e, por vezes, o cozinheiro, mas, ultimamente, tínhamos a sorte de ter essa posição preenchida. As alergias de Sam tinham atacado em força, desaconselhando que mexesse em comida. O novo cozinheiro respondera a um anúncio colocado na semana anterior. Os cozinheiros pareciam nunca aguentar muito no *Merlotte's*, mas esperava que Sweetie Des Arts se demorasse algum tempo. Chegava a horas, era boa no que fazia e nunca dava problemas ao resto dos funcionários. Na realidade, era tudo o que se poderia desejar. O nosso cozinheiro anterior, um homem, dera grande esperança à minha amiga Arlene de poder ser ele o Homem da Sua Vida (nesse caso, seria o quarto ou quinto Homem da Sua Vida), antes de se pitar numa noite com os seus pratos, os garfos e o leitor de CDs. Os filhos dela ficaram destroçados. Não por gostarem do tipo, mas porque sentiam a falta do leitor de CDs.

Embati contra uma muralha de ruído e fumo de cigarro que me fazia sentir como se entrasse noutra universos. Os fumadores sentavam-se todos no lado ocidental do bar, mas o fumo parecia não saber que devia ficar desse lado. Esbocei um sorriso e fui para trás do bar, dando uma palmada amigável no braço de Sam. Depois de encher com mestria um copo de cerveja, fazendo-o deslizar para junto de um cliente, colocou outro copo por baixo da torneira e recomeçou o processo.

— Como vão as coisas? — perguntou, com cautela. Conhecia o problema de Jason porque tinha estado comigo na noite em que o descobri trancado numa arrecadação em Hotshot. Mas tínhamos de ter cuidado com o que dizíamos. Os vampiros tinham tornado pública a sua existência, mas os metamorfos e lobisomens continuavam a viver

em segredo. O submundo das criaturas sobrenaturais esperava para ver como os vampiros se saíam antes de seguir o seu exemplo.

— Melhor do que esperava — sorri-lhe, não precisando de erguer muito a cabeça, já que Sam não é um homem alto. Tem um físico magro, mas é muito mais forte do que parece. Terá trinta e tal anos (pelo menos, é o que penso) e tem cabelo de um louro arruivado, que lhe cobre a cabeça como um halo. É um bom homem e um excelente patrão. Também é um metamorfo e pode transformar-se em qualquer animal. Na maioria das vezes, Sam transforma-se num *collie* com uma pelagem fabulosa. Costuma vir a minha casa e deixo-o dormir no tapete da sala. — Vai ficar bem.

— Fico feliz — disse. Não consigo ler as mentes dos metamorfos com a facilidade com que leio mentes humanas, mas consigo perceber se uma disposição é sincera ou não. Sam estava feliz porque eu estava feliz.

— Quando partes? — perguntei. Tinha aquele olhar distante, o olhar que dizia que, mentalmente, já corria pela floresta atrás de opossums.

— Assim que o Terry chegue. — Voltou a sorrir-me, mas, daquela vez, o sorriso foi um pouco forçado. Sam começava a ficar nervoso.

A porta da cozinha ficava junto ao extremo ocidental do bar e dirigi-me a ela para dizer olá a Sweetie. Sweetie era uma morena quarentona e ossuda e usava muita maquilhagem para alguém que ficaria escondida na cozinha durante toda a noite. Também parecia um pouco mais inteligente, talvez com mais anos de escola, do que os cozinheiros anteriores do *Merlotte's*.

— Estás bem, Sookie? — perguntou, virando um hambúrguer enquanto falava. Sweetie mantinha-se em movimento constante na cozinha e não gostava que se atravessassem no seu caminho. O adolescente que a ajudava e que também servia às mesas morria de medo de Sweetie e esforçava-se por se esquivar aos seus movimentos do fogão para a fritadeira. O rapaz compunha os pratos, fazia as saladas e ia à janela de serviço transmitir às empregadas qual dos pedidos estava pronto. Lá fora, Holly Cleary e a sua melhor amiga, Danielle, trabalhavam arduamente. Pareceram as duas aliviadas quando me viram entrar. Danielle trabalhava na secção de fumadores a oeste e Holly costumava trabalhar na área intermédia à frente do bar. Eu ocupava-me da secção oriental quando estávamos as três de serviço.

— Parece que é melhor começar — disse, dirigindo-me a Sweetie.

Esboçou-me um sorriso breve e voltou-se novamente para o fogão. O adolescente amedrontado, cujo nome ainda não sabia, cumprimentou-me com um gesto da cabeça e continuou a carregar a máquina de lavar louça.

Desejei que Sam me tivesse chamado antes de as coisas ficarem tão caóticas. Não me teria importado de vir um pouco mais cedo. Mas era claro que, naquela noite, não pensava como normalmente fazia. Comecei a ocupar-me das mesas da minha secção, trazendo bebidas e levantando pratos, recolhendo pagamentos e trazendo trocos.

— Empregada! Traz-me um *Red Stuff*! — A voz era desconhecida e o pedido era invulgar. *Red Stuff* era o sangue artificial mais barato e apenas os vampiros recentes o pediriam. Tirei uma garrafa do frigorífico de porta branca e enfié-a no microondas. Enquanto aquecia, procurei o vampiro entre a multidão. Estava sentado com a minha amiga Tara Thornton. Nunca o vira antes, o que me deixava preocupada. Tara saíra com um vampiro mais velho (muito mais velho: Franklin Mott superava Tara em anos humanos quando morreu e passara mais de trezentos anos como vampiro), que lhe dava prendas luxuosas... como um *Camaro*. Que faria ela com aquele tipo novo? Franklin, pelo menos, tinha melhores maneiras.

Coloquei a garrafa aquecida num tabuleiro e levei-a até à mesa ocupada pelo casal. A iluminação nocturna do *Merlotte's* não é particularmente boa, é assim que os clientes a preferem, e foi só quando me aproximei que pude apreciar o acompanhante de Tara. Era magro e de ombros estreitos, com cabelo penteado para trás. Tinha unhas longas e uma face aguda. Pensei que seria atraente, de certa forma. Para quem apreciasse uma dose generosa de perigo com o sexo.

Pousei a garrafa à sua frente e lancei um olhar inseguro a Tara. Como era habitual, estava com óptimo aspecto. Tara é alta, esbelta, com cabelo escuro. E tem um armário cheio de roupa maravilhosa. Superou uma infância verdadeiramente horrível, conseguiu ser proprietária de um negócio e fazer parte da associação comercial. A seguir, começou a sair com o vampiro rico, Franklin Mott, e deixou de partilhar a sua vida comigo.

— Sookie — disse —, quero apresentar-te o Mickey, amigo do Franklin. — Pelo seu tom de voz, não parecia querer realmente que nos conhecêssemos. Parecia desejar que nunca tivesse vindo trazer a bebida de Mickey. O seu copo estava quase vazio, mas disse «não» quando lhe perguntei se queria outro.

Troquei acenos de cabeça com o vampiro. Não apertam as mãos. Habitualmente, pelo menos. Olhava-me enquanto bebia um gole de sangue engarrafado, com olhos tão frios e hostis como os de uma serpente. Se era amigo do ultra-urbano Franklin, eu era uma bolsa de seda. Teria sido contratado por ele. Talvez como guarda-costas? Porque daria Franklin um guarda-costas a Tara?

Era óbvio que Tara não pretendia falar abertamente diante daquele tipo nojento e, por isso, disse-lhe:

— Vemo-nos depois — e levei o dinheiro de Mickey para a caixa.

Estive ocupada durante toda a noite, mas, nos momentos de pausa, pensei no meu irmão. Pela segunda noite, andaria a correr ao luar com os outros animais. Sam partira como um tiro assim que Terry Bellefleur chegou, mesmo com o cesto de papéis do seu gabinete cheio de lenços de papel amarrotados. A sua face tinha ficado tensa, em antecipação.

Era uma daquelas noites que me fazia pensar como podiam os humanos à minha volta ignorar por completo o mundo que funcionava em paralelo com o nosso. Apenas uma ignorância intencional conseguiria alhear-se do ar carregado de magia. Só uma falta de imaginação conjunta podia justificar que as pessoas não pensassem no que aconteceria na escuridão em seu redor.

Mas recordei-me que, há não muito tempo, estivera tão intencionalmente cega como qualquer um dos clientes do *Merlotte's*. Até mesmo quando os vampiros fizeram o anúncio mundial cuidadosamente coordenado da realidade da sua existência, poucas autoridades ou cidadãos pareceram dar o passo mental seguinte: «Se os vampiros existem, que outras coisas poderão esconder-se além da luz?»

Por curiosidade, comecei a ler as mentes em redor, testando-as e procurando os seus medos. A maioria das pessoas no bar pensava em Mickey. As mulheres, e alguns homens, pensavam como seria estar com ele. Até Portia Bellefleur, a apática advogada, espreitava sobre o ombro do seu apaixonado conservador para estudar Mickey. Aquela curiosidade espantava-me. Mickey era assustador. Isso anulava qualquer possibilidade de atracção física que pudesse sentir por ele. Mas tinha muitas provas de que os outros humanos no bar não sentiam o mesmo.

Sempre conseguira ler mentes. Essa capacidade não era propriamente um dom. A mente da maior parte das pessoas não merece ser lida. Os seus pensamentos são aborrecidos, nojentos, desapontantes,

mas raramente são interessantes. Bill ajudou-me a aprender como bloquear, pelo menos, parte do ruído. Antes das suas dicas, fora como sintonizar cem estações de rádio em simultâneo. Algumas ouviam-se com clareza cristalina, algumas eram remotas e algumas, como os pensamentos dos metamorfos, eram interrompidas pela estática que obscurecia o conteúdo. Mas todas contribuíam para a cacofonia. Não admirava que tanta gente me tratasse como se fosse atrasada mental.

Os vampiros eram silenciosos. Era o que tinham de melhor, pelo menos do meu ponto de vista. Estavam mortos. E as suas mentes também. Só uma vez, quando o rei fazia anos, conseguia captar alguma coisa da mente de um vampiro.

Shirley Hunter, o patrão do meu irmão nas estradas do condado, perguntou-me onde estava Jason quando trouxe um jarro de cerveja à sua mesa. Shirley era universalmente conhecido como «Peixe-Gato».

— O teu palpite é tão bom como o meu — disse, mentindo-lhe e conseguindo ganhar uma piscadela de olho. O primeiro palpite acerca do paradeiro de Jason envolvia sempre uma mulher e era frequente que o segundo incluísse outra mulher. Os homens que rodeavam a mesa, vestindo ainda as roupas de trabalho, riram mais do que exigia a minha resposta, mas era verdade que já tinham bebido uma grande quantidade de cerveja.

Corri de volta ao balcão para ir buscar três uísques com Coca-Cola preparados por Terry Bellefleur, o primo de Portia, que trabalhava sob pressão. Terry era um veterano do Vietname com muitas cicatrizes físicas e emocionais e parecia aguentar-se bem naquela noite movimentada. Apreciava tarefas simples que exigissem concentração. O seu cabelo cor de avelã com manchas grisalhas estava preso num rabo-de-cavalo e mantinha uma expressão atenta enquanto manuseava as garrafas. As bebidas ficaram prontas num instante e Terry sorriu-me enquanto as colocava no tabuleiro. Um sorriso de Terry era uma coisa rara e aqueceu-me o coração.

Foi quando me voltava com o tabuleiro sob a mão direita que os sarilhos começaram. Um estudante da Louisiana Tech de Ruston envolveu-se numa luta de classes mano-a-mano com Jeff LaBeff, um labrego com muitos filhos e que quase ganhava a vida a guiar um camião de lixo. Talvez fosse apenas um caso de dois tipos casmurros em colisão e não tivesse grande coisa de conflito entre cidade e campo (não que estivéssemos assim tão próximos de Ruston).

Fosse qual fosse o motivo original da disputa, levei alguns segundos a perceber que a luta seria mais do que uma troca de gritos.

Nesses poucos segundos, Terry tentou intervir. Movendo-se com rapidez, colocou-se entre Jeff e o estudante e segurou os pulsos de ambos com firmeza. Pensei, por um minuto, que funcionaria, mas Terry não era tão jovem ou activo como fora outrora e veio tudo abaixo.

— Tu conseguirias parar isto — disse a Mickey, num tom furioso, enquanto passava pela mesa que ocupava com Tara a caminho de uma tentativa de restabelecer a paz.

Recostou-se na cadeira e beberricou.

— Não é a minha função — respondeu, calmamente.

Percebi o que ele queria dizer, mas isso não contribuiu para que se tornasse um vampiro mais simpático, sobretudo porque, logo a seguir, o estudante se voltou e tentou esmurrar-me quando me aproximei dele por trás. Falhou e acertei-lhe na cabeça com o tabuleiro. Cambaleou para um lado, talvez sangrando um pouco, e Terry conseguiu dominar Jeff LaBeff, que procurava um pretexto para desistir da zaragata.

Incidentes como aquele começavam a acontecer com maior frequência, sobretudo quando Sam estava ausente. Parecia-me evidente que precisávamos de um segurança. Pelo menos, nas noites de fim-de-semana... e nas noites de lua cheia.

O estudante ameaçou processar-me.

— Como te chamas? — perguntei.

— Mark Duffy — respondeu o jovem, com as mãos sobre a cabeça.

— De onde és, Mark?

— Minden.

Avaliei rapidamente a sua roupa, o seu porte e o conteúdo da sua cabeça.

— Vou gostar de ligar à tua mamã para lhe dizer que tentaste bater numa mulher — disse-lhe. Empalideceu e não voltou a falar em processos. Foi-se embora com os amigos pouco depois. Ajuda sempre saber qual será a ameaça mais eficaz.

Também obrigámos Jeff a sair.

Terry voltou ao seu posto atrás do balcão e começou a servir bebidas, mas coxeava ligeiramente e tinha uma expressão dorida, que me preocupava. As experiências de Terry na guerra não o deixaram muito estável. Bastava de perturbação por uma noite.

Mas, claro, a noite ainda não tinha chegado ao fim.

Cerca de uma hora depois da confusão, uma mulher entrou no *Merlotte's*. Era pouco vistosa e vestia-se de forma discreta, com calças de ganga velhas e um casaco de camuflado. Calçava botas que teriam sido magníficas quando eram novas, mas tinham-se passado muitos anos desde então. Não trazia bolsa e tinha as mãos enfiadas nos bolsos.

Havia vários indicadores que fizeram estremecer as minhas antenas mentais. Em primeiro lugar, a aparência da rapariga não era normal. Uma mulher local podia vestir-se assim se fosse caçar ou trabalhar no campo, mas não para vir ao *Merlotte's*. Para sair à noite, a maioria das mulheres aperaltava-se. Aquela mulher estava preparada para o trabalho, mas não era uma prostituta. Pelos mesmos motivos.

Isso significava droga.

Para proteger o bar na ausência de Sam, concentrei-me nos meus pensamentos. As pessoas não pensam com frases completas, claro, e tive de ajeitar o que captei, mas o que lhe ia pela cabeça era algo como: «Restam três vidros a ficar velhos a perder poder tenho de vender esta noite para poder comprar mais em Baton Rouge. Vampiro dentro do bar se me apanha com sangue de vampiro estou morta. Esta terra é uma lixeira. Volto à cidade assim que puder.»

Era uma drenadora. Ou talvez fosse apenas uma distribuidora. O sangue de vampiro era a droga mais poderosa do mercado, mas, claro, os vampiros não o cediam de forma voluntária. Drenar um vampiro era uma ocupação perigosa, inflacionando o preço dos minúsculos frascos de sangue até quantias espantosas.

Que obtinha o consumidor em troca de uma grande quantidade de dinheiro? Dependendo da idade do sangue (ou seja, do tempo passado desde que fora extraído ao seu proprietário) e da idade do vampiro que o fornecera, podia obter muito. Havia a sensação de onipotência, a força multiplicada, a visão e a audição apuradas. Mas, acima de tudo para qualquer americano, uma aparência física melhorada.

Mesmo assim, apenas um idiota beberia sangue de vampiro comprado no mercado negro. Por um lado, sabia-se que os resultados eram imprevisíveis. Além da variação dos efeitos, a sua duração podia ir das duas semanas aos dois meses. Por outro lado, algumas pessoas enlouqueciam quando o sangue lhes entrava no sistema. Por vezes, eram dominados por uma loucura homicida. Ouvira falar de traficantes que vendiam a compradores ingénuos sangue de porco ou sangue humano contaminado. Mas o principal motivo para evitar o mercado negro de sangue de vampiro era este: os vampiros odiavam os drenadores e

odiavam os consumidores de sangue drenado (normalmente conhecidos como carraças). E é desaconselhável ter um vampiro irritado conosco.

Não havia polícias fora de serviço no *Merlotte's* naquela noite. Sam andava a abanar a cauda algures. Não me agradava informar Terry porque não sabia como reagiria. Precisava de lidar com aquela mulher.

A verdade era que tentava não interferir em coisas que apenas sabia graças à telepatia. Se metesse a colher de cada vez que descobria alguma coisa que afectaria as vidas que me rodeavam (como saber que o administrador do condado desviava dinheiro ou que um dos detetives da polícia local aceitava subornos), não conseguiria viver em Bon Temps. E era a minha terra. Mas não podia permitir que aquela mulher escanzelada vendesse o seu veneno no bar de Sam.

Sentou-se num banco vazio junto ao balcão e pediu uma cerveja a Terry. O olhar deste demorou-se nela. Também Terry percebeu que havia algo de errado na estranha.

Vim buscar um pedido e coloquei-me junto a ela. Precisava de um banho e tinha estado dentro de uma casa aquecida por uma lareira. Forcei-me a tocar-lhe, o que melhorava sempre a recepção. Onde estava o sangue? Estava num bolso do casaco. Ótimo.

Sem demoras, despejei-lhe um copo de vinho pelo peito abaixo.

— Bolas! — exclamou, saltando do banco e passando a mão pelo casaco sem qualquer efeito. — És a maior desastrada que já vi!

— Desculpa — disse-lhe, fingindo-me envergonhada enquanto pousava o tabuleiro e trocava um olhar breve com Terry. — Deixa-me pôr água com gás nisso. — Sem esperar a sua permissão, despi-lhe o casaco. Quando percebeu o que fazia e começou a resistir, o casaco estava já nas minhas mãos. Passei-o a Terry sobre o balcão. — Põe água com gás na mancha, por favor. — Usara aquele estratagema antes. Tive sorte por estar frio e ter a mercadoria no casaco e não num bolso das calças. Isso teria exigido demasiado da minha criatividade.

Por baixo do casaco, a mulher vestia uma camisola muito velha dos Dallas Cowboys. Começou a tremer e pensei se teria consumido drogas mais convencionais. Terry despejou água com gás sobre a nódoa de vinho de forma teatral. Seguindo a minha dica, introduziu a mão nos bolsos. Baixou o olhar com repulsa para o que encontrou e ouvi um tilintar que indicava que tinha lançado os frascos ao caixote de lixo por trás do balcão. Voltou a colocar o resto nos bolsos.

A mulher abriu a boca para gritar a Terry e percebeu que não

conseguia. Terry fitava-a directamente, desafiando-a a referir o sangue. As pessoas em redor observavam com interesse. Sabiam que algo se passava, mas não sabiam o quê porque tudo sucedera com grande rapidez. Quando Terry teve a certeza de que a mulher não começaria a gritar, passou-me o casaco. Enquanto o erguia para que enfiasse os braços nas mangas, Terry disse-lhe:

— Não voltes aqui.

Se continuássemos a expulsar gente àquele ritmo, não nos restariam muitos clientes.

— Labrego filho da mãe — disse ela. A multidão em redor susteve a respiração em unísono. (Terry era quase tão imprevisível como um consumidor de sangue de vampiro.)

— Não me importa o que me chamares — disse. — Acho que um insulto teu não é insulto nenhum. Mantém-te longe. — Suspirei profundamente de alívio.

A mulher abriu caminho aos empurrões por entre a multidão. Todos os presentes acompanharam o seu progresso em direcção à porta, incluindo Mickey, o vampiro. Fazia qualquer coisa com um dispositivo que segurava nas mãos. Parecia um daqueles telemóveis capazes de tirar fotografias. Pensei a quem enviaria a imagem. Pensei se a mulher conseguiria chegar a casa.

De forma perfeitamente intencional, Terry decidiu não perguntar como soubera que a mulher tinha algo ilegal nos bolsos. Era outra coisa estranha nas pessoas de Bon Temps. Os rumores a meu respeito circulavam desde que me conseguia lembrar, desde que era pequena e os meus pais quiseram avaliar a minha saúde mental. E, no entanto, apesar das provas ao seu dispor, quase toda a gente que conhecia preferia ver-me como uma rapariga pouco esperta e peculiar, sem reconhecer a minha estranha habilidade. Claro que tinha cuidado para não a esfregar nas suas caras. E mantinha a boca fechada.

Fosse como fosse, Terry tinha demónios próprios a combater. Sobrevivia com uma pensão do governo e fazia a limpeza do *Merlotte's* e de outros estabelecimentos pela manhã. Substituíam Sam umas três ou quatro vezes por mês. O resto do seu tempo pertencia-lhe e ninguém parecia saber o que fazia com ele. Lidar com pessoas deixava Terry exausto e noites como aquela não lhe faziam bem.

Foi uma sorte não ter estado no *Merlotte's* na noite seguinte, quando estourou o caos.



## 2

**A** princípio, achei que tudo tinha regressado ao normal. O bar parecia um pouco mais calmo na noite seguinte. Sam estava de volta, descontraído e alegre. Nada parecia conseguir incomodá-lo e, quando lhe contei o que tinha acontecido com a traficante na noite anterior, louvou o meu tacto.

Tara não veio e não pude fazer-lhe perguntas sobre Mickey. Dir-me-ia respeito? Era provável que não. Mas preocupava-me de qualquer forma.

Jeff LaBeff regressou, manso como um cordeiro por se ter deixado irritar pelo universitário na noite anterior. Sam fora informado por um telefonema de Terry e repreendeu-o.

Andy Bellefleur, um detective da força policial do Condado de Renard e irmão de Portia, chegou com a rapariga com que saía, Halleigh Robinson. Andy era mais velho do que os meus vinte e seis anos. Halleigh tinha vinte e um, a idade mínima para poder entrar no *Merlotte's*. Dava aulas na escola primária e acabara de sair da universidade. Era muito bonita, com cabelo castanho curto que lhe descia até às orelhas, olhos castanhos enormes e uma silhueta dotada de curvas agradáveis. Andy saía com Halleigh há uns dois meses e, podendo avaliar apenas pelas poucas vezes que via o casal, o seu relacionamento parecia progredir a um ritmo previsível.

Os pensamentos de Andy diziam que gostava muito de Halleigh

(apesar de ser um pouco aborrecida) e estava completamente preparado para a ver entregar-se a ele. Halleigh achava Andy sensual e um homem com verdadeira experiência de vida e adorava a mansão da família Bellefleur recentemente restaurada, mas não acreditava que ficasse muito tempo com ela depois de dormirem juntos. Odeio saber mais sobre relacionamentos do que as pessoas envolvidas... mas, por mais que me proteja, acabo sempre por captar alguma coisa.

Claudine veio ao bar nessa noite, perto da hora de fecho. Mede um metro e oitenta, tem cabelo preto que lhe cai pelas costas em ondas e pele branca corada que parece tão fina e brilhante como a pele de uma ameixa. Veste-se para captar atenções. Naquela noite, trazia um fato cor de barro muito justo sobre o corpo de amazona. Trabalha no departamento de reclamações de uma grande loja no centro comercial de Ruston durante o dia. Gostava que tivesse trazido consigo o irmão, Claude. Interessar-se-ia tão pouco por mim como por qualquer outra mulher, mas é um regalo para a vista.

É uma fada. Literalmente. Claudine também é, claro.

Acenou-me por sobre as cabeças dos clientes. Retribuí o aceno, sorrindo. Todos ficam felizes quando Claudine está por perto e mostra-se sempre animada quando não tem vampiros em redor. É imprevisível e muito divertida apesar de, como todas as fadas, ser perigosa como um tigre quando se irrita. Felizmente, isso não acontece com frequência.

As fadas ocupam uma posição especial na hierarquia das criaturas mágicas. Ainda não percebi exactamente qual, mas, mais cedo ou mais tarde, hei-de chegar lá.

Todos os homens no bar se babavam por Claudine e ela deleitava-se com isso. Olhou longamente para Andy Bellefleur, arregalando os olhos, e Halleigh Robinson fitou-a com ódio, suficientemente furiosa para lhe cuspir em cima, até recordar que devia ser uma doce rapariga do Sul. Mas Claudine perdeu todo o interesse em Andy quando viu que bebia chá gelado de limão. A alergia das fadas ao limão é ainda mais violenta do que a alergia dos vampiros ao alho.

Claudine abriu caminho até mim e deu-me um grande abraço, para inveja de todos os machos presentes. Pegou-me na mão e puxou-me para o gabinete de Sam. Deixei-me ir por pura curiosidade.

— Querida amiga — disse —, tenho más notícias para ti.

— O que foi? — Passei de intrigada a assustada num piscar de olhos.

— Houve um tiroteio esta manhã. Uma das panteras foi atingida.  
— Ó, não! Jason! — Mas, certamente, um dos seus amigos teria ligado se tivesse faltado ao trabalho, não?

— Não. O teu irmão está bem, Sookie. Mas alvejaram o Calvin Norris.

Senti-me atordoada. Jason não me ligara para contar aquilo? Tive de ser informada por outra pessoa?

— Mataram-no? — perguntei, com voz trémula. Não que Calvin e eu fôssemos próximos, longe disso, mas senti-me chocada. Heather Kinman, uma adolescente, fora alvejada mortalmente na semana anterior. Que acontecia em Bon Temps?

— Atingiram-no no peito. Está vivo, mas em estado grave.

— Está no hospital?

— Sim. As sobrinhas levaram-no para o Grainger Memorial.

Grainger era uma cidade a sudeste de Hotshot e ficava mais perto do que o hospital do condado em Clarice.

— Quem foi?

— Ninguém sabe. Alguém o alvejou ao início da manhã, quando Calvin se dirigia para o trabalho. Chegou a casa da sua... hmm... altura do mês, transformou-se e pôs-se a caminho da cidade para começar o seu turno. — Calvin trabalhava na *Norcross*.

— Como soubeste tudo isso?

— Uma das primas veio à loja comprar pijamas, porque Calvin não tem nenhum. Suponho que dorme em pelota — disse Claudine. — Não percebo como acham que vão vestir a parte de cima de um pijama sobre as ligaduras. Talvez só precisem das calças? Calvin não gostaria de andar pelo hospital só com uma daquelas batas feias entre ele e o mundo.

Era frequente que Claudine se afastasse muito do que interessava na conversa.

— Obrigada por me contares — disse. Pensei em como a prima conheceria Claudine, mas não perguntei.

— Não foi nada. Soube que gostarias de saber. A Heather Kinman também era metamorfa. Aposto que não sabias isso. Pensa no assunto.

Aplicou-me um beijo na testa (as fadas eram muito carinhosas, talvez demasiado) e regressou ao bar. Deixou-me num silêncio atordoado. Pediu um 7 and 7 e foi rodeada por pretendentes em apenas dois minutos. Nunca saía com ninguém, mas os homens pareciam gostar de tentar a sorte. Decidi que Claudine se alimentaria daquela admiração e atenção.

Até Sam lhe sorria, radiante, e nem sequer deixou gorjeta.

Quando fechávamos o bar, Claudine partira para regressar a Monroe e partilhei as notícias com Sam. Sentiu-se tão chocado pela história como eu. Apesar de Calvin Norris ser o líder da pequena comunidade metamorfa de Hotshot, o resto do mundo conhecia-o como um solteirão estável e tranquilo, proprietário da casa onde vivia e com um bom emprego como capataz na serração local. Era difícil imaginar qualquer uma das suas facetas a motivar uma tentativa de assassinato. Sam decidiu enviar flores em nome do pessoal do bar.

Fui buscar o casaco e saí pela porta traseira do bar à frente de Sam. Ouvi-o trancar a porta atrás de mim. Subitamente, recordei que o sangue engarrafado começava a escassear e voltei-me para o dizer a Sam. Viu-me virar e parou, esperando que falasse. Num piscar de olhos, a sua expressão passou de expectante a chocada, enquanto uma mancha vermelho-escura começou a espalhar-se na perna esquerda e ouvi um tiro.

A seguir, havia sangue por todo o lado, Sam caiu ao chão e eu comecei a gritar.



### 3

Nunca precisara de pagar consumo mínimo no *Fangtasia*. Nas poucas vezes em que entrei pela porta principal, era acompanhada por um vampiro. Mas, agora, estava sozinha e sentia-me muito embaraçada. Estava exausta após uma noite especialmente longa. Tinha estado no hospital até às seis da manhã e só dormira algumas horas de sono agitado quando cheguei a casa.

Pam recebia o dinheiro à entrada e levava os clientes às mesas. Vestia o traje preto longo e justo que costumava usar quando estava de serviço à porta. Nunca parecia feliz por se vestir como uma vampira fictícia. Era real e orgulhava-se disso. O seu gosto pessoal inclinava-se mais para conjuntos de tons pastel e mocassins. Parecia tão surpreendida por me ver quanto era possível num vampiro.

— Sookie — disse —, marcaste entrevista com o Eric? — Recebeu o meu dinheiro sem pestanejar.

Eu fiquei feliz por a ver. Patética, não? Não tenho muitos amigos e valorizo os que tenho, mesmo que suspeite que sonhem apanhar-me num beco escuro e sugar-me o sangue.

— Não. Mas preciso de falar com ele. Assunto sério — acrescentei, à pressa. Não queria que ninguém pensasse que tentava atrair as atenções românticas do manda-chuva não-morto de Shreveport, um cargo a que os vampiros chamam «xerife». Despi o meu novo casaco cor de arando e dobrei-o cuidadosamente sobre o braço. WDED, a estação de

rádio vampírica de Baton Rouge ouvia-se pelo sistema de som. A voz suave da locutora do início da noite, Connie, a Cadáver, dizia:

— Segue-se uma canção para todos os miseráveis que uivavam lá fora no início da semana... «Bad Moon Rising», um velho êxito dos Creedence Clearwater Revival. — Connie, a Cadáver, piscava o olho discretamente aos metamorfos.

— Espera no bar enquanto lhe digo que estás aqui. — disse Pam. — Vais gostar do novo empregado.

Os empregados de bar do *Fangtasia* tinham uma tendência para não durar muito. Eric e Pam tentavam sempre contratar alguém colorido, pois um empregado de bar exótico cativava os turistas humanos que chegavam em autocarros de excursão para experimentar o lado selvagem da vida. E, naquele aspecto, eram bem-sucedidos. Mas, de alguma forma, a posição tornara-se arriscada.

O novo homem esboçou-me um sorriso de dentes brancos quando me sentei num dos bancos altos. Era muito vistoso. Tinha uma cabeleira cor de avelã longa e intensamente encaracolada. O cabelo amontoava-se sobre os ombros. Tinha também bigode e uma barba estreita sobre o queixo. Uma pala preta cobria-lhe o olho esquerdo. Porque tinha a face fina e nariz e olhos de bom tamanho, esta parecia estar demasiado cheia. Teria aproximadamente a minha altura, um metro e sessenta e sete, e vestia uma camisa preta de poeta, calças pretas e botas altas pretas. Só lhe faltava um lenço atado sobre a cabeça e uma pistola.

— Talvez um papagaio no ombro? — disse-lhe.

— Aaargh, cara senhora, não é a primeira a sugerir tal coisa. — Tinha uma voz de barítono magnífica e rica. — Mas parecem existir normas de higiene que impedem a presença de uma ave sem gaiola num estabelecimento onde se servem bebidas. — Curvou-se tão profundamente quanto permitia o espaço estreito atrás do bar. — Dar-me-á a honra de lhe servir uma bebida e saber o seu nome?

Tive de sorrir.

— Certamente, cavalheiro. Chamo-me Sookie Stackhouse. — Captara um indício de estranheza em mim. Os vampiros conseguem perceber quase sempre que sou diferente. Os não-mortos costumam dar por mim. Os humanos não. É um pouco irónico que a minha capacidade para ler mentes não funcione precisamente nas criaturas que consideram que é isso mesmo a distinguir-me do resto da raça humana. Enquanto isso, os humanos mais facilmente acreditarão que sou doente mental do que possuidora de uma capacidade invulgar.

A mulher no banco ao lado do meu (cartão de crédito no limite, filho com déficit de atenção) voltara-se para ouvir. Sentiu ciúmes, tendo tentado motivar o empregado a dar-lhe alguma atenção nos trinta minutos anteriores. Olhou-me, procurando perceber o que levara o vampiro a optar por meter conversa comigo. Não ficou nada impressionada com o que viu.

— Encantado por conhecê-la, bela donzela — disse o novo vampiro em tom submisso, fazendo-me sorrir. Bom... pelo menos, era bela, no sentido de loura-de-olhos-azuis. Os seus olhos avaliaram-me. Claro que uma mulher que trabalha num bar estará habituada a isso. Não foi ofensivo. E acreditem que uma mulher que trabalha num bar conseguirá também perceber a diferença entre ser avaliada e comida com os olhos.

— Aposto bom dinheiro que não é donzela nenhuma — disse a mulher a meu lado.

Estava certa, mas isso não vinha ao caso.

— Deverá ser educada com os outros clientes — disse-lhe o vampiro, com uma versão alterada do seu sorriso. Não apenas os caninos se tinham alongado ligeiramente, como também notei que tinha os dentes tortos (ainda que fossem incrivelmente brancos). Os padrões americanos relativos a dentes direitos são muito recentes.

— Ninguém me diz como devo comportar-me — disse a mulher, em tom desafiador. Sentia-se magoada porque a noite não corria como planeara. Achava que seria fácil atrair um vampiro, que qualquer vampiro se sentiria sortudo por tê-la. Planeara deixar que um lhe mordesse o pescoço se lhe pagasse a conta do cartão de crédito.

Sobrestimava-se e subestimava os vampiros.

— Lamento, madame, mas, enquanto estiver no *Fangtasia*, é inevitável que lhe diga como se deve comportar — disse o empregado de bar.

A mulher desistiu depois de o vampiro a fixar com o seu olhar apaziguador e pensei se não a teria encantado.

— Chamo-me — disse, voltando-se novamente para mim — Charles Twining.

— Encantada — retorqui.

— E a bebida?

— Sim, por favor. Um *ginger ale*. — Precisava de voltar para Bon Temps de carro depois de ver Eric.

Arqueou as sobrancelhas, mas serviu-me o que pedi e colocou

o copo sobre um guardanapo à minha frente. Paguei-lhe e depusitei uma gorjeta generosa no jarro. O pequeno guardanapo branco tinha caninos delineados a negro, com uma gota escarlate única escorrendo do canino direito (guardanapos feitos por encomenda para o bar de vampiros). A palavra «*Fangtasia*» estava impressa com letra vermelha vistosa no canto oposto do guardanapo, imitando o letreiro no exterior. Giro. Também havia camisolas à venda numa vitrina ao canto, juntamente com óculos. Tudo decorado com o mesmo logótipo. A inscrição por baixo dizia: «*Fangtasia* – O Bar que Morde». Os talentos de Eric para o merchandising tinham avançado muito ao longo dos meses anteriores.

Enquanto esperava que Eric me recebesse, observei Charles Twining a trabalhar. Era educado com toda a gente, servia as bebidas com rapidez e nunca se irritava. Apreciava muito mais a sua técnica do que a de Chow, o empregado de bar anterior, que fazia os clientes sentirem-se sempre como se lhes fizesse um favor por lhes trazer as bebidas. Long Shadow, o empregado de bar antes de Chow, apreciara demasiado as clientes femininas. Isso causará sempre muito atrito num bar.

Perdida em pensamentos, não percebi que Charles Twining estava à minha frente até dizer:

— Menina Stackhouse, permite que lhe diga como está bela esta noite?

— Obrigada, Sr. Twining — disse, entrando no espírito do encontro. O brilho no seu olho castanho visível fez-me perceber que era um sacana de primeira e a confiança que nele depositaria não excederia a distância a que conseguiria empurrá-lo e que seria, provavelmente, de uns sessenta centímetros. (Os efeitos da minha última ingestão de sangue de vampiro tinham-se esgotado e voltara à minha normalidade humana. Ei, não sou nenhuma drogada. Foi uma situação de emergência que exigiu força acrescida).

Não apenas regressara ao vigor normal para uma mulher em boa forma na casa dos vinte anos, como também a minha aparência normalizara. Sem ajudas de sangue de vampiro. Não me vestira com demasiado cuidado para a ocasião por não querer que Eric pensasse que me vestira para ele. Mas também não queria parecer desmazelada. Trazia calças de ganga descaídas e uma camisola felpuda branca de mangas compridas com gola baixa. Chegava à cintura e mostrava uma nesga de barriga quando andava. A barriga em questão não era pálida, graças ao solário do clube de vídeo.

— Por favor, cara senhora, chame-me Charles — disse o empregado de bar, pressionando a mão sobre o coração.

Ri-me alto, apesar do cansaço. A teatralidade do gesto foi reforçada pelo facto de o coração de Charles não bater.

— Claro — disse, alegremente. — Se me chamares Sookie.

Revirou os olhos como se a emoção fosse demasiada para suportar e voltei a rir-me. Pam tocou-me no ombro.

— Se conseguires separar-te do teu novo amigo, o Eric está livre.

Acenei a Charles e desci do banco para seguir Pam. Para minha surpresa, não me conduziu ao gabinete de Eric, mas sim a uma das cabinas. Era óbvio que, naquela noite, Eric estava de serviço no bar. Todos os vampiros de Shreveport tinham concordado em mostrar-se no *Fantasia* por um número predeterminado de horas em cada semana para assegurar que os turistas continuariam a vir. Um bar de vampiros sem vampiros seria um estabelecimento condenado ao fracasso. Eric dava o exemplo aos seus subalternos, sentando-se no bar com regularidade.

Normalmente, o xerife da Área Cinco sentava-se no centro do bar, mas, naquela noite, ocupava uma cabina ao canto. Viu-me aproximar. Soube que apreciava as minhas calças, que eram apertadas, e a minha barriga, que era lisa, e a minha camisola branca felpuda, preenchida com natural abundância. Devia ter usado a minha roupa mais aborrecida (acreditem que a tenho em grandes quantidades no armário). E não devia ter trazido o casaco cor de arando que Eric me dera. Devia ter feito qualquer coisa menos ter bom aspecto para Eric. E tinha de admitir que fora esse o objectivo. Enganara-me a mim própria.

Eric deslizou para fora da cabina e ergueu-se a uma altura considerável (passava do metro e noventa). A cascata de cabelo louro caía-lhe pelas costas e os olhos azuis cintilavam sobre a face pálida. Tinha feições ousadas, maçãs do rosto elevadas e queixo quadrado. Assemelhava-se a um vikingue sem lei, do tipo que saquearia uma aldeia num instante. E era precisamente isso o que ele fora.

Os vampiros apenas apertam as mãos em circunstâncias extraordinárias e não esperei qualquer cumprimento de Eric. Mas curvou-se para me beijar a face e demorou-se a fazê-lo, como se quisesse deixar claro que gostaria de me seduzir.

Não sabia que já tinha beijado quase cada centímetro de Sookie Stackhouse que poderia beijar. Tínhamos estado tão próximos quanto um homem poderá estar de uma mulher.

Eric não conseguia lembrar-se. E queria que permanecesse assim.

Bom, não podia dizer que queria, mas sabia que seria melhor para todos se Eric não se lembrasse do nosso pequeno caso.

— Que belo verniz de unhas — disse Eric, sorrindo. Tinha um ligeiro sotaque. O inglês não era a sua segunda língua, claro. Seria, talvez, a vigésima quinta.

Tentei não retribuir o sorriso, mas o elogio agradou-me. Eric era capaz de detectar o único elemento novo e diferente em mim. Começara a usar unhas compridas há pouco tempo e estavam pintadas de um vermelho intenso e fantástico. Cor de arando, aliás. Para combinar com o casaco.

— Obrigada — murmurei. — Como estás?

— Ótimo. — Arqueou uma sobrancelha loura. A saúde dos vampiros não era variável. Acenou com a mão para o lado vazio da cabina e ocupei-o.

— Custou-te retomar o comando? — perguntei, para clarificar a situação.

Algumas semanas antes, uma bruxa provocara amnésia a Eric e levara vários dias a perceber quem era. Durante esse tempo, Pam deixou-o comigo para que o escondesse da bruxa que o amaldiçoara. A luxúria seguiu o seu curso. Muitas vezes.

— É como andar de bicicleta — respondeu Eric. Forcei-me a concentrar-me. (Apesar de pensar sobre quando é que as bicicletas teriam sido inventadas e se Eric teria estado envolvido.) — Recebi uma chamada do criador do Long Shadow, um índio cujo nome parece ser Hot Rain. De certeza que te lembrarás do Long Shadow.

— Estava a pensar nele há pouco — disse.

Long Shadow fora o primeiro empregado de bar do *Fangtasia*. Subtraíra fundos a Eric e vi-me forçada a interrogar as empregadas e outros funcionários humanos até descobrir o culpado. Cerca de dois segundos antes de Long Shadow me rasgar a garganta, Eric executou-o com a estaca de madeira tradicional. Percebi que matar outro vampiro era algo muito grave e Eric teve de pagar uma multa pesada. Não sabia a quem, mas sabia agora que o dinheiro teria sido entregue a Hot Rain. Se Eric tivesse matado Long Shadow sem justificação, teriam sido aplicados outros castigos. Agradava-me que a natureza dos mesmos permanecesse um mistério.

— Que queria esse Hot Rain? — perguntei.

— Informar-me de que, apesar de lhe ter pago o preço determinado pelo mediador, não se considera aplacado.

— Quer mais dinheiro?

— Julgo que não. Parece achar que uma compensação monetária não bastará. — Eric encolheu os ombros. — No que me diz respeito, o assunto está encerrado. — Bebeu um gole de sangue sintético, recostou-se na cadeira e olhou-me com olhos azuis insondáveis. — O mesmo se aplica ao meu pequeno episódio de amnésia. A crise chegou ao fim, as bruxas estão mortas e a ordem foi restaurada no meu pequeno pedaço do Louisiana. Como te têm corrido as coisas?

— Estou aqui por motivos sérios — disse, adoptando a minha expressão mais formal.

— Que posso fazer por ti, Sookie? — perguntou.

— O Sam quer pedir-te uma coisa — respondi.

— E manda-te a ti para fazer o pedido. É sinal de grande esperteza ou de grande estupidez? — perguntou Eric a si próprio.

— Nem uma coisa nem outra — disse, tentando não parecer irritada. — É sinal de pernas partidas. Ou seja, partiram-lhe uma perna na noite passada. Com um tiro.

— Como aconteceu isso? — Eric redobrou a atenção.

Expliquei. Estremeci quando lhe contei que estava sozinha com Sam e como a noite estivera silenciosa.

— A Arlene acabara de sair do parque de estacionamento. Foi para casa sem saber de nada. A nova cozinheira, a Sweetie, também acabara de partir. Alguém o alvejou das árvores a norte do parque de estacionamento. — Voltei a estremecer, daquela vez com medo.

— A que distância estavas?

— Ah — disse, com voz trémula. — Estava muito perto. Voltara-me para... e ele foi... Havia sangue por todo o lado.

A face de Eric parecia dura como mármore.

— O que fizeste?

— O Sam tinha o telemóvel no bolso, graças a Deus, e pressionei a ferida com uma mão enquanto marcava o número de emergência com a outra.

— Como está ele?

— Bem. — Inspirei fundo e tentei acalmar-me. — Está bastante bem, levando tudo em consideração. — Dissera-o com grande calma. Senti-me orgulhosa. — Mas é claro que ficará uns tempos fora de acção e há tanto... tantas coisas estranhas que têm acontecido no bar ultimamente... O nosso empregado de bar substituto não consegue suportar mais do que um par de noites. O Terry tem problemas.

— Qual é o pedido do Sam?  
— Quer que lhe emprestes um empregado de bar até a perna sarar.  
— Porque me faz esse pedido a mim e não ao líder da alcateia de Shreveport? — Os metamorfos raramente se organizavam, mas os lobisomens da cidade sim. Eric estava certo. Teria sido muito mais lógico que Sam tivesse feito o pedido ao coronel Flood.

Baixei os olhos para as mãos que rodeavam o copo de *ginger ale*.

— Há alguém a alvejar os metamorfos e lobisomens de Bon Temps — disse. Mantive a voz muito baixa. Sabia que conseguiria ouvir-me sobre a música e as vozes do bar.

Nesse momento, um homem aproximou-se da cabina. Era um militar jovem da base da Força Aérea de Barksdale, na área urbana de Shreveport. (Identifiquei-o de imediato pelo corte de cabelo, boa forma física e pelos amigos que o acompanhavam e que eram mais ou menos seus clones.) Fincou os calcanhares no chão e embalou-se ligeiramente para trás e para diante por um longo momento, movendo o olhar de mim para Eric.

— Ei, tu — disse-me o jovem, tocando-me no ombro. Olhei-o, resignando-me ao inevitável. Algumas pessoas provocam o perigo, sobretudo quando bebem. Aquele rapaz, com o seu corte de cabelo rente e físico encorpado estava longe de casa e determinado a provar o seu valor.

Há poucas coisas que me desagradem mais do que chamarem-me com «ei, tu» e espetarem-me um dedo. Mas tentei fingir uma expressão agradável para o jovem. Tinha uma cara redonda e olhos escuros e redondos, boca pequena e sobrancelhas castanhas grossas. Vestia um pólo impecável e calças de fazenda de cor creme. Estava preparado para o confronto.

— Acho que não te conheço — disse-lhe, delicadamente, tentando acalmar a situação.

— Não devias estar sentada com um vampiro — disse. — As raparigas humanas não deviam sair com mortos.

Com que frequência ouvira aquilo? Fartara-me de ouvir trampa como aquela quando namorava com Bill Compton.

— É melhor voltares para junto dos teus amigos, Dave. Não queres que a tua mamã receba um telefonema a informar que morreste numa rixa de bar no Louisiana. Sobretudo se for um bar de vampiros. Não é?

— Como sabes o meu nome? — perguntou, lentamente.

— Não faz diferença, pois não?

Pelo canto do olho, consegui ver que Eric abanava a cabeça. A repreensão ligeira não era a sua forma de lidar com intromissões.

De forma abrupta, Dave começou a acalmar.

— Como soubeste quem sou? — perguntou, com voz mais calma.

— Tenho visão de raios x — respondi, em tom solene. — Consigo ler a carta de condução que tens no bolso das calças.

Sorriu.

— Ei, consegues ver outras coisas através das calças?

Retribuí-lhe o sorriso.

— És um homem afortunado, Dave — disse-lhe, de forma ambígua. — Mas eu tenho assuntos sérios a tratar com este senhor. Por isso, se nos deres licença...

— Está bem. Desculpa. Eu...

— Não há problema nenhum — assegurei-lhe. Voltou para os seus amigos, caminhando com sobrançeria. Estava certa de que lhes relataria uma versão profundamente embelezada da conversa.

Apesar de todos os presentes no bar terem fingido que não observavam o incidente, que contivera tanto potencial para violência sumarenta, tiveram de se apressar a parecer ocupados quando os olhos de Eric viajaram sobre as mesas circundantes.

— Tinhas começado a dizer-me alguma coisa quando fomos interrompidos de maneira tão rude — disse. Sem precisar de pedir, uma empregada veio colocar um novo copo à minha frente, levando o que esvaziara. Quem se sentasse com Eric recebia um tratamento de luxo.

— Sim. O Sam não foi o único metamorfo a ser alvejado em Bon Temps nos últimos tempos. O Calvin Norris levou um tiro no peito há alguns dias. Transforma-se em pantera. E a Heather Kinman foi alvejada antes disso. Tinha dezanove anos e transformava-se em raposa.

Eric disse:

— Continuo a não perceber que interesse terá isso.

— Mataram-na, Eric.

Continuou sem perceber.

Cerrei os dentes para não lhe tentar contar que Heather Kinman fora uma boa rapariga. Tinha acabado o liceu e tinha o seu primeiro emprego como caixa na loja de materiais de escritório de Bon Temps. Bebia um batido no *Sonic* quando lhe deram um tiro. Os investigadores da polícia científica teriam já comparado a bala que alvejara Sam

com a que matou Heather e com a que fora extraída do peito de Calvin. Calculei que teriam sido todas disparadas pela mesma arma.

— Estou a tentar explicar-te porque o Sam não quer pedir ajuda a outro metamorfo ou lobisomem — disse, entre dentes cerrados. — Pensa que poderia colocá-lo em risco. E não há nenhum humano local com competência para o cargo. Por isso, pediu-me para te procurar.

— Quando fiquei em tua casa, Sookie...

Grunhi, desesperada.

— Ó, Eric. Esquece isso.

Eric mordeu-se por não conseguir recordar o que acontecera no tempo que passara amaldiçoado.

— Um dia, vou recordar — disse, num tom quase abatido.

Quando recordasse tudo, não recordaria apenas o sexo.

Recordaria também a mulher que me esperara na cozinha com uma arma. Recordaria que me salvara a vida, atravessando-se à frente da bala que me era destinada. Recordaria que eu a alvejara. Recordaria que tinha escondido o corpo.

Perceberia que tinha poder sobre mim para sempre.

Talvez também recordasse que se humilhara ao ponto de propor abandonar os seus negócios para vir viver comigo.

Recordar o sexo agradar-lhe-ia. Recordar o poder agradar-lhe-ia. Mas, de alguma forma, não me pareceu que Eric gostasse de recordar aquela última parte.

— Sim — disse-lhe, baixando os olhos para as mãos. — Suponho que, um dia, recordarás. — A WDED passava uma velha canção de Bob Seger, «Night Moves». Notei que Pam se contorcia sem qualquer pudor numa dança muito própria, com o corpo sobrenaturalmente forte e esbelto dobrando-se e virando-se de formas impossíveis para os corpos humanos.

Gostaria de a ver dançar música vampírica ao vivo. Deviam ouvir uma banda de vampiros. Nunca conseguiriam esquecê-lo. Tocam sobretudo em Nova Orleães e São Francisco. Por vezes em Savannah ou Miami. Quando comecei a namorar com Bill, ele levou-me a ver uma banda que tocava uma noite no *Fangtasia*, a caminho de Nova Orleães. O vocalista da banda de vampiros, os Mestres de Renfield (era assim que se chamavam) chorara lágrimas de sangue enquanto cantava uma balada.

— O Sam foi inteligente quando te pediu que me procurasses — disse Eric, após uma longa pausa. Fiquei sem resposta. — Enviarei

alguém. — Senti os ombros descontraírem com o alívio. Mantive os olhos fixos nas mãos e inspirei fundo. Quando o olhei novamente, Eric olhava em redor, avaliando os vampiros presentes.

Conhecia a maior parte deles de forma passageira. Thalia tinha caracóis longos e negros que lhe caíam pelas costas e um perfil que poderia ser descrito como clássico. Falava com um sotaque denso (pensei que seria grego) e fervia em pouca água. Indira era uma vampira indiana minúscula, a quem não faltavam olhos mansos e *tikal*. Ninguém a levava a sério até ser tarde demais. Maxwell Lee era um banqueiro afro-americano. Apesar de ser tão forte como qualquer vampiro, Maxwell preferia formas mais cerebrais de passar o tempo e o trabalho no bar não lhe agradava.

— E se mandar o Charles? — Eric soou casual, mas conhecia-o suficientemente bem para suspeitar que não era o caso.

— Ou a Pam — contrapus. — Ou qualquer um que consiga manter a calma. — Vi Thalia esmagar uma taça de metal com os dedos para impressionar um humano que tentava seduzi-la. O homem empalideceu e voltou rapidamente para a sua mesa. Alguns vampiros apreciam a companhia dos humanos, mas Thalia não pertencia a esse grupo.

— O Charles é o vampiro menos temperamental que alguma vez encontrei, apesar de admitir que não o conheço bem. Só começou a trabalhar aqui há duas semanas.

— Parece estar muito ocupado.

— Posso dispensá-lo. — O olhar altivo de Eric dizia-me com clareza que seria ele a decidir se o seu empregado estava ocupado ou não.

— Hmm... está bem. — Os clientes do *Merlotte's* gostariam do pirata e o lucro de Sam aumentaria como consequência.

— Serão estas as condições — disse Eric, fitando-me. — O Sam assegura sangue ilimitado para o Charles e um sítio seguro para ficar. Poderás querer albergá-lo em tua casa como fizeste comigo.

— E poderei não querer — disse, indignada. — A minha casa não é um albergue para vampiros em viagem. — Frank Sinatra começou a cantar «Strangers in the Night» como música de fundo.

— Ah, claro. Esqueci-me. Mas foste generosamente compensada por me acolheres.

Tocou num ponto sensível. Aliás, espetara-lhe um pau aguçado. Encolhi-me.

— A ideia foi do meu irmão — disse. Vi o brilho nos olhos de Eric e corei. Acabara de confirmar uma suspeita que tivera. — Mas estava

certo — disse, convicta. — Porque deveria albergar um vampiro em casa sem pagamento? Afinal, o dinheiro fazia-me falta.

— Os cinquenta mil já se acabaram? — perguntou Eric, baixando muito a voz. — O Jason pediu uma parte?

— Não te diz respeito — respondi, num tom exactamente tão agressivo e indignado como pretendi. Dera a Jason apenas um quinto do dinheiro. E ele também não pedira, apesar de ter de admitir que, obviamente, esperava uma parte. Porque precisava muito mais, guardei uma quantia maior do que planeava inicialmente.

Não tinha seguro de saúde. Jason, claro, estava coberto pelo plano médico do condado. Comecei a pensar: «E se ficar incapacitada? E se partir um braço ou precisar de tirar o apêndice?» Não apenas não conseguiria trabalhar, como teria de pagar contas hospitalares. E qualquer estadia num hospital, hoje em dia, é cara. Acumulei algumas contas médicas ao longo do ano passado e foi necessário um período longo e doloroso até conseguir pagá-las.

Agora, sentia-me profundamente grata por essa cautela. Normalmente, não penso muito no futuro porque estou habituada a viver para o dia-a-dia. Mas o ferimento de Sam abriu-me os olhos. Pensava em comprar um carro novo (bom... um carro em segunda-mão novo). Pensava em mudar as cortinas da sala, encomendando cortinas novas à *JCPenney*. Até pensara que seria muito agradável comprar um vestido que não estivesse em saldo. Mas, quando Sam ficou com a perna partida, o choque arrancou-me a essas frivolidades.

Enquanto Connie, a Cadáver, apresentava a canção seguinte («One of These Nights»), Eric examinava a minha expressão.

— Gostava de poder ler-te a mente como lês as mentes dos outros — disse. — Gostava muito de saber o que se passa na tua cabeça. Gostava de perceber porque me importa o que se passa nessa cabeça.

Esbocei-lhe um meio-sorriso.

— Concordo com as condições. Sangue e alojamento gratuito. Mesmo que o alojamento não seja necessariamente comigo. E o dinheiro?

Eric sorriu.

— Aceitarei o meu pagamento em géneros. Agrada-me que o Sam me deva um favor.

Liguei a Sam com o telemóvel que me emprestara. Expliquei.

Sam pareceu resignado.

— Há um sítio no bar onde o vampiro pode dormir. Tudo bem. Cama e refeições e um favor. Quando pode vir?

Transmiti a questão a Eric.

— Agora mesmo. — Eric fez sinal a uma empregada vampira, que vestia o vestido negro longo e decotado que todas as empregadas femininas usavam. (Posso dizer-vos isto sobre os vampiros: Não gostam de servir às mesas. Nem têm grande jeito. E não apanharão um vampiro a levantar copos e pratos. É frequente contratarem humanos para fazerem o trabalho sujo nos seus estabelecimentos.) Eric mandou-a chamar Charles. Curvou-se, levou um punho ao ombro do lado oposto e disse:

— Sim, Mestre.

Para ser sincera, aquilo quase me agoniou.

Fosse como fosse, Charles saltou teatralmente sobre o bar e, enquanto os clientes aplaudiam, dirigiu-se para a cabina de Eric.

Saudou-me com uma vénia e voltou-se para Eric com uma expressão atenta que deveria ter parecido subserviente, mas pareceu apenas pragmática.

— Esta mulher dir-te-á o que deves fazer. Enquanto precisar de ti, será a tua senhora. — Não consegui decifrar a expressão de Charles Twining enquanto ouvia as instruções de Eric. Muitos vampiros não aceitariam ficar às ordens de um humano, independentemente do que dissesse o seu líder.

— Não, Eric! — Senti-me chocada. — Se ficar às ordens de alguém, deverá ser do Sam.

— O Sam enviou-te. Confio o Charles a ti. — A expressão de Eric fechou-se. Sabia por experiência que, assim que Eric assumia aquela expressão, era inútil argumentar.

Não percebia para onde se encaminhava aquilo, mas soube que não era bom.

— Vou buscar o casaco e estarei pronto assim que deseje partir — disse Charles Twining, curvando-se de forma graciosa e cortês e fazendo-me sentir uma idiota. Respondi com um gemido estrangulado de concordância e, apesar de continuar curvado, piscou o olho que não estava coberto pela pala. Não consegui conter um sorriso e senti-me muito melhor.

Pelo sistema sonoro, Connie, a Cadáver, disse:

— Para vocês, ouvintes nocturnos. Prosseguindo as dez músicas seguidas para nós, defuntos legítimos, aqui fica uma favorita. — Connie começou a tocar «Here Comes the Night» e Eric disse:

— Danças?

Olhei a pequena pista de dança. Estava vazia. Mas Eric conseguira alguém para fazer de empregado de bar e acumular as funções de porteiro, tal como Sam pedira. Devia ser simpática.

— Obrigada — respondi, educadamente, saindo da cabina. Eric ofereceu-me a mão e aceitei-a. A sua outra mão pousou-se na minha cintura.

Apesar da diferença de alturas, saímos-nos bastante bem. Fingi não perceber que todos no bar nos olhavam e deslizámos como se soubéssemos o que fazíamos. Fixei os olhos no pescoço de Eric para não o olhar nos olhos.

Quando a música chegou ao fim, disse:

— Ter-te nos braços parece muito familiar, Sookie.

Com um esforço tremendo, mantive os olhos na sua maçã-de-adão. Contive um impulso terrível para dizer: «Disseste que me amavas e que ficarias comigo para sempre.»

— Isso querias tu — disse, ao invés, bruscamente. Libertei a mão da sua tão rapidamente quanto consegui e afastei-me do seu corpo. — A propósito, alguma vez encontraste um vampiro de aspecto malévolo chamado Mickey?

Eric voltou a agarrar-me a mão e apertou-a. Ouvindo o meu «Au!», afrouxou o aperto.

— Esteve aqui na semana passada. Onde o viste? — perguntou.

— No *Merlotte's*. — Estava espantada pelo efeito em Eric da minha questão de última hora. — Que se passa?

— Que fazia ele?

— Bebia *Red Stuff* e estava sentado a uma mesa com a minha amiga Tara. Conhece-la. Viste-a no Clube de Sangue em Jackson.

— Quando a vi, estava sob protecção do Franklin Mott.

— Saíam. Não percebo porque a deixou sair com o Mickey. Esperei que talvez fosse apenas o seu guarda-costas ou algo parecido. — Recolhi o casaco da cabina. — Qual é a história do tipo? — perguntei.

— Mantém-te longe dele. Não fales com ele, não o irrites e não tentes ajudar a tua amiga. Quando esteve aqui, o Mickey falou sobretudo com o Charles. O Charles contou-me que é um pária. É capaz de... coisas bárbaras. Não te aproximes da Tara.

Abri as mãos, pedindo a Eric que se explicasse.

— Fará coisas que o resto de nós não faria — disse Eric.

Olhei-o, chocada e profundamente perturbada.

— Não me posso limitar a ignorar a situação. Não tenho assim tantos amigos e não posso desperdiçar uma.

— Se está envolvida com o Mickey, será apenas carne à espera de ser comida — disse Eric, com uma simplicidade brutal. Retirou-me o casaco das mãos e ergueu-o enquanto o vestia. As suas mãos massajaram-me os ombros depois de o abotoar. — Assenta bem — considerou. Não era preciso ler-lhe a mente para perceber que não queria continuar a falar sobre Mickey. — Recebeste a minha mensagem de agradecimento?

— Claro. Muito... hmm... adequada.

Acenei afirmativamente com a cabeça, esperando conseguir indicar que o assunto ficava encerrado. Mas, obviamente, não consegui.

— Continuo a pensar porque havia manchas de sangue no teu velho casaco — murmurou Eric. Os meus olhos subiram até aos seus e amaldiçoei novamente o descuido. Quando viera agradecer-me por tê-lo albergado, deambulara pela casa até encontrar o casaco enquanto eu estava ocupada. — Que fizemos nós, Sookie? E a quem?

— Era sangue de galinha. Matei uma galinha e cozinhei-a — menti. Vira a minha avó fazê-lo muitas vezes quando era pequena, mas nunca o fizera.

— Sookie, Sookie. O meu detector de treta diz-me que isso é mentira — disse Eric, abanando a cabeça num gesto de censura.

Foi tão inesperado que não evitei rir. Era um bom momento para partir. Via Charles Twining de pé junto à porta da frente, segurando um casaco acolchoado perfeitamente moderno e pronto a ser vestido.

— Adeus, Eric. E obrigada pelo empregado de bar — disse, como se Eric me tivesse emprestado pilhas ou uma chávena de arroz. Curvou-se e tocou-me a face com os lábios frios.

— Conduz com cautela — disse. — E mantém-te longe do Mickey. Preciso de descobrir porque está no meu território. Liga-me se o Charles te der algum problema. — (Se as pilhas tiverem defeito ou se o arroz tiver bicho.) Atrás dele, conseguia ver que a mesma mulher continuava sentada ao bar, a que dissera que eu não era uma donzela. Era óbvio que pensava o que teria feito para conseguir a atenção de um vampiro tão antigo e atraente como Eric.

Muitas vezes, também eu pensava o mesmo.





## 4

**A** viagem de regresso a Bon Temps foi agradável. Os vampiros não cheiram ao mesmo que os humanos e não se comportam como humanos, mas é inegável que me descontraem o cérebro. Estar com um vampiro é quase tão desprovido de tensão como estar sozinha, se ignorar as possibilidades de me sugar o sangue.

Charles Twining fez algumas perguntas sobre o trabalho para que tinha sido contratado e sobre o bar. A forma como conduzia parecia deixá-lo um pouco inseguro (sendo possível que essa insegurança se devesse apenas ao facto de estar dentro de um carro). Alguns vampiros anteriores à Revolução Industrial odiavam meios de transporte modernos. A pala cobria o olho esquerdo, o que ficava do meu lado, e isso provocou-me a sensação curiosa de ser invisível.

Passámos pela pousada para vampiros onde ele ficava para poder trazer algumas coisas. Tinha consigo um saco desportivo suficientemente grande para conter roupa para três dias. Contou-me que se mudara há pouco para Shreveport e ainda não tivera tempo de decidir onde se instalaria.

Depois de viajarmos durante uns quarenta minutos, o vampiro perguntou:

- Vive com os seus pais, menina Sookie?
- Não. Perdi-os quando tinha sete anos — respondi. Pelo canto

do olho, captei um gesto com a mão que me convidava a continuar. — Houve uma noite de Primavera em que choveu muito, de repente, e o meu pai tentou passar uma pequena ponte que estava já submersa. Foram arrastados. — Olhei para a direita e vi que acenava com a cabeça. As pessoas morriam. Por vezes, de forma súbita e inesperada e, por vezes, sem grande motivo. Um vampiro saberia isso melhor do que ninguém. — O meu irmão e eu fomos criados pela nossa avó — disse. — Ela morreu no ano passado. O meu irmão ficou com a casa dos nossos pais e eu com a casa da avó.

— É uma sorte ter sítio onde viver — comentou.

De perfil, o seu nariz adunco parecia uma elegante miniatura. Pensei se o incomodaria que a espécie humana tivesse crescido enquanto ele permanecia imutável.

— É verdade — concordei. — Sou uma grande sortuda. Tenho um emprego, tenho o meu irmão, tenho uma casa, tenho amigos. E sou saudável.

Pareceu-me que voltava a cara para mim, mas ultrapassava uma carrinha *Ford* amolgada e não pude retribuir-lhe o olhar.

— Interessante. Perdoe-me, mas, pelo que me disse a Pam, pensava que tivesse algum tipo de deficiência.

— Ah, sim. Tenho.

— E o que é...? Parece muito... hmm... robusta.

— Sou telepata.

Pensou no assunto.

— Que quer isso dizer ao certo?

— Que consigo ler a mente de outros humanos.

— Mas não de vampiros.

— Não. Não de vampiros.

— Muito bem.

— Concordo. — Se conseguisse ler a mente dos vampiros, teria morrido há muito. Os vampiros prezam a sua privacidade.

— Conheceu o Chow? — perguntou.

— Sim. — Era a minha vez de ser seca.

— E o Long Shadow?

— Sim.

— Como empregado de bar mais recente do *Fangtasia*, interessa-me muito a forma como morreram.

Era compreensível, mas não sabia como responder.

— Estou a ver — disse, com cautela.

— Estava presente quando o Chow voltou a morrer? — Era assim que alguns vampiros se referiam à morte definitiva.

— Hmm... sim.

— E quando morreu o Long Shadow?

— Bom... sim.

— Interessar-me-ia ouvir o que tenha para contar.

— O Chow morreu naquilo a que chamam a Guerra das Bruxas. O Long Shadow tentava matar-me e o Eric cravou-lhe uma estaca porque desviava fundos.

— De certeza que foi por isso que o Eric lhe cravou uma estaca? Por desvio de fundos?

— Estava lá. Devia saber. Assunto encerrado.

— Suponho que tenha tido uma vida complicada — disse Charles, após uma pausa.

— Sim.

— Onde passarei as horas de sol?

— O meu patrão tem um sítio para ti.

— É frequente haver problemas neste bar?

— Não até há pouco tempo. — Hesitei.

— O vosso responsável pela segurança habitual não consegue lidar com os metamorfos?

— O nosso responsável pela segurança habitual é o proprietário, Sam Merlotte. É um metamorfo. Agora, é um metamorfo com uma perna partida. Levou um tiro. E não foi o único.

Aquilo não pareceu espantar o vampiro.

— Quantos?

— Que eu saiba, três. Calvin Norris, uma pantera, que não foi ferido mortalmente, e uma metamorfa jovem chamada Heather Kinman, que morreu. Levou um tiro no *Sonic*. Sabes o que é o *Sonic*? — Os vampiros nem sempre prestavam atenção a restaurantes de comida rápida porque não comiam. (Quantos bancos de sangue conseguem localizar sem pensar muito?)

Charles acenou afirmativamente, agitando o cabelo castanho encaracolado sobre os ombros.

— É aquele onde se come no carro?

— Esse mesmo — disse. — A Heather estava a conversar no carro de uma amiga e saiu para regressar ao seu carro, que estava a poucos lugares de distância. O tiro veio do outro lado da rua. Tinha um batido na mão. — O gelado de chocolate derretido misturara-se com o

sangue sobre o pavimento. Vira-o na mente de Andy Bellefleur. — Era tarde e todas as lojas do outro lado da rua estavam fechadas há horas. O atirador fugiu.

— Os três disparos aconteceram de noite?

— Sim.

— Talvez isso seja significativo.

— Pode ser. Mas talvez seja apenas porque a noite proporciona melhores esconderijos.

Charles acenou afirmativamente.

— Desde que o Sam se feriu, tem havido muita ansiedade entre os metamorfos porque é difícil acreditar que os três disparos possam ter sido uma coincidência. E os humanos comuns estão preocupados porque acham que os alvos foram três pessoas ao acaso, sem nada que as relacione e com poucos inimigos. Este clima de tensão faz com que haja mais zaragatas no bar.

— Nunca fiz de segurança — disse Charles, em tom casual. — Era o filho mais novo de um baronete menor. Isso forçou-me a fazer pela vida. E tive de trabalhar em muitas coisas diferentes. Fui pregoeiro de um bordel. Ficava à porta e anunciava a mercadoria das rameiras... É uma rica frase, não é? Expulsava homens que se mostravam demasiado violentos com as pegas. Suponho que será o mesmo que zelar pela segurança num bar.

Aquela confiança inesperada deixou-me sem palavras.

— Claro que isso foi depois de perder o olho, mas antes de me tornar vampiro — acrescentou.

— Claro — repeti, debilmente.

— Aconteceu quando era pirata — continuou. Sorria. Conferi com um olhar de soslaio.

— E o que... hmm... pirateavas? — Não sabia se o verbo era adequado, mas percebeu o que queria dizer.

— Tentávamos apanhar qualquer navio desprevenido — explicou, alegremente. — Ia vivendo na costa americana, perto de Nova Orleães, para onde levávamos pequenos navios de carga e embarcações semelhantes. Navegava a bordo de uma pequena barca e não podíamos enfrentar navios demasiado grandes ou bem armados. Mas, quando apanhávamos a presa a jeito, a luta era tremenda! — Suspirou... Calculei que recordasse a felicidade de retalhar pessoas a golpes de espada.

— E que te aconteceu? — perguntei, com delicadeza, referindo-me à forma como tinha partido daquela vida maravilhosa e calo-

rosa de rapina e morticínio para a versão vampírica da mesma coisa.

— Uma noite, abordámos um galeão sem tripulação viva — explicou. Notei que cerrava os punhos. A sua voz tornou-se mais fria. — Tínhamos navegado até às Ilhas Tortugas. Anoitecia. Fui o primeiro homem a descer ao porão. O que estava lá em baixo apanhou-me.

Depois daquele relato, permanecemos em silêncio por mútuo acordo.

Sam estava no sofá da sala da sua caravana. Tinha-a estacionada de forma a formar um ângulo recto com as traseiras do bar. Dessa forma, podia abrir a porta para uma vista do parque de estacionamento, o que era melhor do que ver as traseiras do bar, com o grande contentor de lixo entre a porta da cozinha e a entrada dos funcionários.

— Aí estás tu — disse Sam, com voz de desagrado. Não lhe agradava ficar quieto. Agora que tinha a perna engessada, a imobilidade irritava-o. Que faria na lua cheia seguinte? A perna estaria suficientemente sarada para lhe permitir transformar-se? Conhecera outros metamorfos feridos, mas não assistira à sua recuperação e era território novo. — Começava a pensar que te tinhas perdido no caminho de regresso. — A voz de Sam arrancou-me à reflexão. A sua irritação era clara.

— «Muito obrigado, Sookie. Vejo que trouxeste ajuda» — disse-lhe. — «Lamento a humilhação de teres de pedir um favor ao Eric por mim.» — Naquele momento, não me importava se era ou não o meu patrão.

Sam pareceu envergonhado.

— Então o Eric concordou — disse, indicando o pirata.

— Charles Twining. Um seu criado — disse-lhe o vampiro.

Sam arregalou os olhos.

— Está bem. Sam Merlotte, dono do bar. Agradeço a tua ajuda.

— Foi-me ordenado que ajudasse — explicou o vampiro, friamente.

— O acordo que conseguiste foi cama, comida e um favor — disse-me Sam. — Devo um favor ao Eric. — Isto foi dito num tom que uma pessoa amável descreveria como rancoroso.

— Sim. — Estava furiosa. — Enviaste-me para fazer um acordo. Transmisti-te as condições antes de aceitar! Foi esse o acordo que fiz. Pediste um favor ao Eric e o Eric fica com o direito de te pedir o mesmo. Não importa o que tenhas dito a ti próprio. A questão resume-se a isso.

Sam acenou afirmativamente, apesar de não parecer feliz.

— Entretanto, mudei de ideias. Acho que o Sr. Twining devia ficar contigo.

— E porque achas isso?

— O armário pareceu-me um bocado apertado. Tens um sítio à prova de luz para vampiros, não tens?

— Não me perguntaste se concordava.

— Recusas-te a fazê-lo?

— Sim! Não moro num hotel para vampiros!

— Mas trabalhas para mim e ele também...

— Hmm-hmm. E pedirias à Arlene ou à Holly para o alojar?

Sam pareceu ainda mais espantado.

— Bom... não. Mas isso é porque... — Calou-se.

— Não consegues pensar numa maneira de acabar essa frase, pois não? — rosnei. — Muito bem, amigo. Vou-me embora. Passei uma noite inteira a colocar-me numa situação embaraçosa por ti. E que me dás em troca? Nem um obrigado!

Saí da caravana a bater com os pés. Não bati com a porta porque não queria ser infantil. Bater com as portas nunca parece uma reacção adulta. As lamúrias também não. Talvez sair a bater com os pés também não seja. Mas a escolha era entre fazer uma saída enfática verbal ou esbofetear Sam. Normalmente, é uma das minhas pessoas preferidas no mundo, mas, naquela noite... não era.

Trabalhava no turno diurno nos três dias seguintes... mesmo que não tivesse a certeza de ainda ter um emprego. Quando cheguei ao *Merlotte's* às onze, na manhã seguinte, correndo para a porta dos empregados sob a chuva torrencial e despindo o meu feio mas útil impermeável, tinha quase a certeza de que Sam me daria o último cheque e me poria na rua. Mas ele não estava lá. Tive um momento de algo que reconheci como desilusão. Talvez estivesse ansiosa por outro confronto, o que seria estranho.

Terry Bellefleur substituíra novamente Sam e era um dos seus dias maus. Não seria boa ideia fazer-lhe perguntas ou falar com ele além da necessária transmissão de pedidos.

Notara que os dias chuvosos desagradavam particularmente a Terry. E também notei que não gostava do xerife Bud Dearborn. Não sabia o motivo de cada um dos desagradados. Naquele dia, cortinas escuras de chuva massacravam as paredes e o telhado e Bud Dearborn falava com altivez para cinco dos seus amigos no lado dos fumadores. Arlene captou-me o olhar e arregalou os olhos em aviso.

Apesar de Terry estar pálido e transpirado, corra o fecho do casaco leve que costumava usar com frequência sobre a camisola de manga curta do *Merlotte's*. Notei que as suas mãos tremiam enquanto enchia um copo de cerveja. Pensei se conseguiria aguentar-se até ao anoitecer.

Pelo menos, não havia muitos clientes, na eventualidade de algo correr mal. Arlene aproximou-se de um casal que entrara, deixando-se ficar à conversa. Eram amigos seus. A minha secção estava quase vazia, com excepção do meu irmão, Jason, e do seu amigo, Hoyt.

Hoyt era o braço-direito de Jason. Se não fossem ambos decididamente heterossexuais, recomendaria que casassem, tal era a perfeição com que se complementavam. Hoyt gostava de piadas e Jason gostava de as contar. Hoyt não sabia como ocupar o seu tempo livre e Jason tinha sempre alguma na manga. A mãe de Hoyt era um pouco dominadora e Jason não tinha pais. Hoyt mantinha os pés firmes no aqui e agora e tinha uma consciência férrea daquilo que a comunidade toleraria ou repudiaria. Jason não.

Pensei no enorme segredo que Jason tinha e questionei-me se sentiria a tentação de o partilhar com Hoyt.

— Como estás, mana? — perguntou Jason. Ergueu o copo, indicando que precisava de o encher com *Dr. Pepper*. Jason não bebia até ao fim do dia de trabalho, um grande ponto a seu favor.

— Óptima, mano. Queres mais, Hoyt? — perguntei.

— Por favor, Sookie. Chá gelado — disse Hoyt.

Num instante, voltei com as suas bebidas. Terry olhou-me com intensidade quando passei para o seu lado do bar, mas não disse nada. Consigo ignorar olhares.

— Sook, queres ir comigo ao hospital de Grainger esta tarde, depois de saíres? — perguntou Jason.

— Ah — disse-lhe. — Sim, claro. — O Calvin sempre me tratara bem.

Hoyt disse:

— É uma loucura. O Sam, o Calvin e a Heather baleados. Que te parece, Sookie? — Hoyt decidira que eu era vidente.

— Hoyt, sabes tanto sobre o assunto como eu — disse-lhe. — Acho que todos precisamos de ter cuidado. — Esperei que o meu irmão alcançasse o significado do que dizia. Encolheu os ombros.

Quando ergui os olhos, vi um estranho à espera de ser sentado e aproximei-me dele. O cabelo escuro, que a chuva tornara preto, esta-

va preso num rabo-de-cavalo. Tinha a face marcada com uma cicatriz clara, longa e estreita que lhe percorria uma bochecha. Quando despiu o casaco, percebi que era um culturista.

— Fumador ou não-fumador? — perguntei, com uma ementa pronta na mão.

— Não-fumador — disse, seguindo-me até uma mesa. Pendurou com cuidado o casaco molhado nas costas da cadeira e recebeu a ementa quando se sentou. — A minha mulher vai chegar daqui a pouco — disse. — Combinou encontrar-se comigo aqui.

Pus outra ementa à sua frente.

— Quer pedir já ou prefere esperar por ela?

— Queria chá quente — disse. — Espero até chegar para pedir a comida. A ementa aqui é um bocado limitada, hã? — Moveu os olhos para Arlene e voltou a olhar-me. Comecei a sentir-me desconfortável. Soube que não estava ali por ser um sítio conveniente para almoçar.

— É o que podemos servir — disse, esforçando-me para parecer descontraída. — Mas o que temos é bom.

Fui buscar água quente e um saco de chá. Também pus um pires com algumas fatias de limão no tabuleiro. Não havia fadas em redor para ofender.

— Chama-se Sookie Stackhouse? — perguntou, quando regresssei com o seu chá.

— Chamo. — Pousei o pires com cuidado sobre a mesa, ao lado da chávena. — Porque pergunta? — Já sabia porquê, mas, com pessoas normais, era necessário perguntar.

— Chamo-me Jack Leeds, sou detective privado — disse. Colocou um cartão sobre a mesa, voltando-o eu para conseguir lê-lo. Esperou, como se estivesse habituado a obter reacções dramáticas àquela frase. — Fui contratado por uma família de Jackson, no Mississíppi, a família Pelt — continuou, quando viu que eu não diria nada.

Senti o coração afundar-se até aos pés antes de começar a bater mais depressa. Aquele homem acreditava que Debbie estava morta. E achava que havia boas hipóteses de eu saber algo sobre o assunto.

Estava absolutamente certo.

Disparara contra Debbie Pelt algumas semanas antes em auto-defesa. Era seu o cadáver que Eric tinha escondido. Era sua a bala que Eric bloqueara e que me era destinada.

O desaparecimento de Debbie depois de sair de uma «festa» em Shreveport, no Louisiana (na realidade, fora uma luta de vida ou morte

entre bruxas, vampiros e lobisomens), suscitara curiosidade durante pouco tempo. Esperei não voltar a ouvir falar do assunto.

— Os Pelt não estão satisfeitos com a investigação policial? — perguntei. Era uma pergunta estúpida, que captara do ar ao acaso. Precisava de dizer alguma coisa para quebrar o silêncio crescente.

— Não houve realmente uma investigação — disse Jack Leeds. — A polícia de Jackson decidiu que teria desaparecido voluntariamente. — Mas ele não acreditava nessa possibilidade.

A sua expressão alterou-se nesse momento. Era como se alguém tivesse acendido uma luz atrás dos olhos dela. Voltei-me para ver para onde olhava e vi uma mulher loura de altura média a sacudir o guarda-chuva à porta. Tinha cabelo curto e pele clara e, quando se voltou, reparei que era muito bonita. Pelo menos, sê-lo-ia se fosse mais animada.

Mas isso não importava para Jack Leeds. Olhava a mulher que amava e, quando ela o viu, a mesma luz se acendeu atrás dos seus olhos. Cobriu o espaço que a separava da mesa com a fluidez de uma dança e, quando sacudiu o casaco molhado, vi que os seus braços eram tão musculados como os dele. Não se beijaram, mas a mão dele cobriu a dela e apertou-a por um momento breve. Depois de se sentar e pedir uma *Coca-Cola Light*, os olhos da mulher fixaram-se na ementa. Pensava que nenhuma da comida servida no *Merlotte's* era saudável. Tinha razão.

— Salada? — perguntou Jack Leeds.

— Preciso de alguma coisa quente — disse ela. — Chili?

— Está bem. Dois chilis — disse-me ele. — Lily, esta é a Sookie Stackhouse. Menina Stackhouse, apresento-lhe Lily Bard Leeds.

— Muito prazer — disse-me. — Tenho procurado a sua casa. — Os seus olhos eram azul-claros e fitava como se disparasse lasers. — Viu Debbie Pelt na noite em que desapareceu. — A sua mente acrescentou: «Eras tu a que ela odiava tanto.»

Não conheciam a verdadeira natureza de Debbie Pelt e aliviou-me que os Pelt não tivessem conseguido contratar um detective metamorfo. Não exporiam a filha a detectives comuns. Quanto mais tempo a comunidade de dupla natureza conseguisse manter secreta a sua existência, melhor seria. Era assim que pensavam.

— Sim — repliquei. — Vi-a nessa noite.

— Podemos falar consigo sobre o assunto? Quando sair do trabalho.

— Tenho de ir visitar um amigo ao hospital depois do trabalho — disse.

— Doença? — perguntou Jack Leeds.

— Tiro — respondi.

O seu interesse intensificou-se.

— Foi alguém local? — perguntou a mulher loura.

Foi então que percebi de que forma poderia funcionar.

— Foi um atirador furtivo — disse. — Alguém tem alvejado pessoas ao acaso nesta área.

— Desapareceu alguém? — perguntou Jack Leeds.

— Não — admiti. — Foram todos deixados onde caíram. Todos os casos tiveram testemunhas, claro. Talvez tenha sido por isso. — Não me lembrava de alguém ter visto Calvin a ser alvejado, mas alguém chegara pouco depois e ligara para o 911.

Lily Leeds perguntou se poderíamos falar no dia seguinte, antes de sair para o trabalho. Dei-lhes indicações sobre como chegar a minha casa e disse-lhes para virem às dez. Não me pareceu que falar com eles fosse boa ideia, mas também não me pareceu que tivesse grande escolha. Tornar-me-ia mais suspeita se recusasse falar sobre Debbie.

Dei comigo a desejar que Eric ligasse naquela noite, permitindo-me contar-lhe o encontro com Jack e Lily Leeds. As preocupações reduzem-se quando são partilhadas. Mas Eric não se lembrava de nada. Também eu quis esquecer a morte de Debbie. Era um horror saber algo tão pesado e terrível e não poder partilhá-lo com alguém.

Conhecia tantos segredos, mas quase nenhuns eram meus. Aquele segredo pertencia-me e era um fardo negro e sangrento.

Charles Twining deveria chegar para substituir Terry quando anoitecesse por completo. Arlene trabalhava até tarde porque Danielle participava no recital de dança da filha. Podia aligeirar um pouco a minha disposição ao informar Arlene sobre o novo empregado de bar/segurança. Sentiu-se intrigada. Nunca tínhamos recebido um inglês no bar. E muito menos um inglês com uma pala no olho.

— Diz ao Charles que eu digo olá — disse, enquanto ia vestindo o impermeável. Após um par de horas de aguaceiro leve, as gotas de água começavam a cair outra vez com maior intensidade.

Chapinhei até ao carro, com o capuz do impermeável bem puxado sobre a cara. No momento em que destrancava a porta do lado do condutor e a abria, ouvi uma voz chamar o meu nome. Sam estava à porta da sua caravana de muletas. Acrescentara um alpendre alguns

anos antes e isso evitava que se molhasse, mas seria melhor que não estivesse ali. Fechei a porta do carro, saltei sobre poças e sobre as pedras que conduziam à caravana. Um ou dois segundos depois, pingava o alpendre.

— Desculpa — disse.

Fitei-o.

— Acho muito bem — disse-lhe, rancorosa.

— Tinha de pedir desculpa.

— Muito bem. Ótimo. — Fiz questão de não lhe perguntar o que fizera ao vampiro.

— Aconteceu alguma coisa no bar hoje?

Hesitei.

— Bom, a clientela foi escassa. Podemos pôr a coisa nestes termos. Mas... — Preparava-me para lhe falar dos detectives privados, mas percebi que faria perguntas. E poderia acabar a contar-lhe a história toda apenas pelo alívio de a confessar a alguém. — Tenho de ir, Sam. Vou com o Jason ao hospital de Grainger para visitar o Calvin Norris.

Olhou-me. Semicerrou os olhos. As pestanas eram do mesmo louro arruivado do cabelo e tornavam-se visíveis apenas quando se estava perto dele. E não devia pensar nas pestanas de Sam. Ou em qualquer outra parte do seu corpo.

— Fui uma merda ontem — explicou. — Suponho que não terei de te explicar porquê.

— Suponho que terás — disse-lhe, intrigada. — Porque não percebi.

— O importante é que saibas que podes contar comigo.

Podia contar com ele para se irritar comigo sem motivo? Para pedir desculpa depois?

— Tens-me confundido muito ultimamente — disse-lhe. — Mas és meu amigo há anos e tenho-te em grande conta. — Aquilo parecia demasiado débil e tentei reforçar as palavras com um sorriso. Retribuiu. Uma gota de chuva caiu do capuz e acertou-me no nariz e o momento chegou ao fim. — Quando achas que poderás voltar ao bar?

— Tentarei ir amanhã durante algum tempo — disse. — Posso, pelo menos, sentar-me no gabinete e trabalhar nos livros. Há contas a fazer.

— Então vemo-nos lá.

— Claro.

Corri de volta ao carro, sentindo o coração muito mais leve do que antes estivera. Sentia-me mal por ter discutido com Sam. Não percebi a que ponto isso me influenciara até fazermos as pazes.